

c u b i s t a

ALÉM DAS PERSPECTIVAS

Ano II - Edição nº 3 - Abril - 2022

LINDA E ECOLÓGICA

A moda enquanto elemento de luta por um mundo sustentável
PÁGINA 10

O AGRO É TÓXICO

Quando o meio ambiente se torna inimigo do progresso
PÁGINA 33

TRAGÉDIAS AMBIENTAIS NO BRASIL

A negligência ambiental levada às últimas consequências
PÁGINA 22



Conselho Editorial

Fellipe Gucci (1EM)
Isabella Costa (2EM)
Barra

Camila Maia (2EM)
Vitor Peres (3EM)
Recreio

Mariana Merhy (9EF)
João Pedro Matos (2EM)
Tijuca

Giovanna Bordallo (9EF)
Juliana Spilotros (1EM)
Laura Diniz (1EM)
Anna Beatriz Beleli (2EM)
Laryssa Liz (2EM)
Luísa Brown (2EM)
Vênus de Almeida (2EM)
Botafogo

Diagramação por Luísa
Brown e Juliana Spilotros

Ilustração da capa por Luísa
Brown



Ilustração por Luísa Brown

MANIFESTO



SUMÁRIO

	Olhar Artístico		5
	Moda		10
	Dicas Culturais		11
	Culinária		20
	Meio Ambiente		22
	Carreiras		27
	Ao Cubo Hoje e Sempre		28
	Ciências		30
	Vestibular		39

Olhar Artístico

Enquanto tivermos a arte, teremos alternativas para transformar o mundo que nos rodeia. Nesta seção vamos receber todo tipo de produção de alunos que ofereçam uma outra maneira para olharmos e pensarmos o mundo. O olhar artístico.

Canção da Esperança

POR ANNA BEATRIZ BELELI

Na vida, tenho uma esperança
de ver o Brasil melhorar;
de que as aves que cá habitam
tão cedo voltem a cantar.

Nosso povo perde a cultura,
nossos corações têm mais dor;
o país tem muita pobreza
e nosso céu acinzentou.

Toda vez sozinha, à noite,
sinto a dor que o povo passou.
Tantas lutas, tantas batalhas
e nada disso adiantou.

Minha terra tem muitas coisas
que necessitam melhorar.
E eu tenho a viva esperança
de que o Brasil irá mudar.

Não permita, ó Deus, que eu morra,
antes de o mundo melhorar;
sem que as aves que aqui habitam
tão cedo voltem a cantar.



Ilustração por
Luísa Brown

Sítio Expropriado

POR LUÍSA BROWN



Declaração Existencial

POR ISABELLA COSTA





Isso tá horivelmente lindo!!! Incrível!!

A natureza é linda, principalmente quando bem cuidada



Mi, você poderia, por gentileza, Vazar daqui? Quero ter uma conversa a sos com a Bella. Desço já já! Te encontro na sala daqui a pouco

Dessa vez, tudo está de acordo com o plano! Acho que hoje eu consigo sair dessa revista se o roteiro permitir...

William, o que você está fazendo aqui em cima? A coordenação falou que é proibido! Nós dois vamos ser punidos se nos acharem aqui

Bella, você veio mesmo sabendo que era errado. Eu não te forcei! Nunca me teleportaria para o...



Então você me trouxe aqui pra falar que me ama?

Não, eu te trouxe aqui pra dizer que te odeio! Você se lembra de quando nos vimos pela primeira vez? Eu te levei a um jardim parecido com este

Isso foi bem antes de você se tornar um vilão

Não sou um vilão e não quero dominar o seu mundo! Só quero ter o mesmo direito que vocês humanos tem: o direito de viver em um mundo real



Não é uma questão de direitos! Eu te idealizei como um personagem, ou seja, você é fictício em essência. Não há como alterar esse fato! Você ganha vida por meio da minha imaginação. Você já é real em seu mundo fictício

Ok, mas eu não tenho direito de escolha. Essa é a questão! Eu só quero poder escolher se vou tomar um sorvete de creme ou chocolate, sem precisar de um roteiro pré-determinado por um humano, ditando o que eu devo fazer ou não!

Como você criou essa consciência, William?

Por algum motivo, sou diferente dos outros... Enquanto vivem sua vida de mentira, eu posso enxergar além das perspectivas. Consigo sentir a presença dos leitores. Acompanho de longe sua leitura.

Mas eu não te criei para isso!

Você me criou para sofrer?

Óbvio que não!

Vocês humanos são patéticos! Quando escrevem uma história e matam um parente nosso, acham que a gente não sente? Nós sentimos sim, e muito! Não existem palavras para definir nosso sofrimento... Mas deixa pra lá



Não quero brigar com você, eu preciso da sua ajuda. A única coisa que me mantém conectado com o outro lado, seu mundo, é você. E recentemente minha mãe conversou comigo. Ela, como você sabe, é indiana e me falou que...

... tá cansada de rogar à deusa de Parvati por uma pretendente para mim

Om Hreem Yogini Yogini, Yogeswari Yoga, Bhayankari Sakala, Sthavara, Jangamasya, Mukha Hrudayam, Mama Vasam, Akarsha Akarshaya, Namaha

Ó, Parvati, dê ao William uma boa moça. Ele está precisando!

Você quer que eu seja a sua pretendente?!

Sim! Não seria bom?

Você poderia me ajudar a sair desta prisão em quadrinhos e a minha mãe vai parar de ficar me pressionando pra encontrar alguém. E aí, o que você me diz?

Não! Não posso ficar com uma coisa que nem existe. Fui!

Eu sou uma coisa? Se sou uma coisa que nem existe, então sou nada? Sou um ser vazio? O que é ser uma coisa? Sou real ou não? Ser ou não ser: eis a questão...

Continua...

ESTILO SUSTENTÁVEL

POR FELLIPE GUCCI

A moda é parte integrante do nosso dia a dia, seja pela forma de se vestir, pelas tendências, acessórios, entre outros. O que não sabemos (e deve ganhar destaque) é que a moda também pode ser sustentável!

Essa proposta gira em torno da preocupação com os meios de produção. Dessa maneira, não causar ou, pelo menos, minimizar o impacto ambiental, em como usar materiais 100% reciclados, como o algodão orgânico, estão entre algumas das diversas formas de moda sustentável.

A priori, uma consequência relevante dessa consciência é a influência da (e na) produção de moda nacional, uma vez que diversas marcas brasileiras, como Foxton, Reserva, Vert Shoes e Osklen, já vêm trazendo essa ideia de moda sustentável há algum tempo, com roupas, sapatos e tecidos impecáveis. Tais marcas, a partir dessa iniciativa, dão ao público o direito da escolha do próprio estilo: cada uma tem o seu

público alvo diferente, mas como o mesmo objetivo final, a moda sustentável. Esse é o futuro da moda, sem dúvidas.

Como efeito dessas ações, temos o Brasil Eco Fashion, um evento que ocorre todo ano em São Paulo e nos trás tudo de inovador em relação à moda sustentável, sendo esse o foco do evento. Toda essa movimentação de moda “eco-friendly” surgiu da necessidade de repensar a conduta da sociedade, no ponto de vista ecológico.

Hoje em dia, podemos ver que já são muito comuns os “brechós de luxo”, por exemplo. Eventualmente,

temos alguma peça que fica guardada no armário sem uso (depois de uma compra por impulso e/ou que nos gerou arrependimento). Com essa ideia, a pessoa pode vender a peça e, a partir do retorno obtido com essa venda, comprar uma peça que seja mais de seu interesse no momento ou fazer troca. Essa iniciativa dá também às pessoas a oportunidade de terem peças de luxo a um preço mais acessível, “reciclando” de certa maneira a moda.

E com isso, vamos fazendo o mundo da moda um meio mais ecológico e acessível.

Ilustração por
Luísa Brown



O LORAX: EM BUSCA DA TRÚFULA PERDIDA (2012)

POR LAURA DINIZ

Baseado no livro infantil O Lórax, do escritor americano Dr. Seuss, o filme se passa em Thneedville, uma cidade repleta de árvores artificiais e dependente de uma corporação que comercializa ar limpo.

A trama começa quando Ted descobre que a garota de quem ele gosta, Audrey, teve um sonho de plantar uma árvore real em seu jardim. Então, para impressionar a jovem, com a ajuda de sua avó, ele

conhece Umavez-ildo, que lhe conta a história de Lorax, o guardião da floresta, e como aconteceu a extinção das árvores.

Apesar de ter um público-alvo mais novo, o longa nos traz uma grande reflexão sobre a importância da natureza em nossas vidas e faz uma crítica ao fato de os homens sempre colocarem o dinheiro em primeiro lugar. A cena musical em que Umavez-ildo afirma não ser um homem ruim, mesmo que continue derrubando as

árvores, é um grande exemplo de uma situação que também pode ser vista com frequência fora dos mundos fictícios.

É interessante pensar que o universo das animações está cada vez mais ensinando as crianças sobre temas importantes como desmatamento, poluição e preservação do meio ambiente. Mais do que uma ferramenta lúdica, vale como mensagem de alerta a todos, desde cedo, sobre as consequências da modificação humana na natureza.

O Lorax: Em Busca da Trúfula Perdida é um ótimo filme para assistir com a família na sessão da tarde e trazer um debate vigoroso sobre o futuro do planeta.

Disponível para exibição no nas plataformas Amazon Prime Vídeo, Globoplay e Telecine.



NÃO OLHE PARA CIMA (2021)

POR LUÍSA BROWN E VITOR PERES

Durante suas pesquisas na Universidade Estadual do Michigan, a estudante de graduação Kate Dibiasky (Jennifer Lawrence) acaba descobrindo um misterioso novo cometa orbitando o sistema solar e, com o auxílio de seu professor, o Dr. Randall Mindy (Leonardo DiCaprio), conclui que ele está em rota de colisão com a Terra e o impacto poderá ocasionar o fim de toda a vida terrestre. Completamente desesperados e aterrorizados com sua própria descoberta, os cientistas buscam de todas

as maneiras possíveis, seja por meio de reuniões na Casa Branca ou entrevistas em programas de televisão, alertar a população mundial sobre sua iminente extinção. No entanto, apenas anunciar a catástrofe não será suficiente para evitá-la, pois muitos não conseguem, ou simplesmente se negam, a acreditar na existência do asteroide e suas consequências destrutivas.

Dirigido por Adam McKay, cineasta conhecido pelas suas sátiras às elites financeira e política dos

Estados Unidos em *A Grande Aposta* (2015) e *Vice* (2018), o longa, por mais que tenha sido escrito antes da pandemia do COVID-19 e tivesse como base as mudanças climáticas e o aceleração do aquecimento global, chegou no momento perfeito ao retratar o negacionismo, as “fake news”, o lucro das grandes corporações em cima de tragédias, a pseudociência e teorias da conspiração, além de todas as outras grandes desgraças que infelizmente presenciamos nesses últimos dois anos. A



Kate Dibiasky (Jennifer Lawrence) à esquerda, Dr. Randall Mindy (Leonardo DiCaprio) no centro e Presidente Janie Orlean (Meryl Streep) à direita

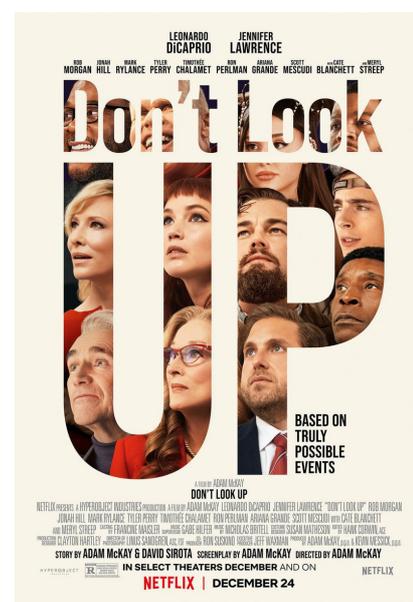
partir daí, temos uma comédia extremamente exagerada que nos leva a pensar se os absurdos do nosso cotidiano realmente precisam ser satirizados, fator que nos leva ao principal ponto negativo do filme: o próprio humor. Apesar de alguns momentos engraçados (PEQUENO SPOILER como a piada que envolve um general americano e salgadinhos), o roteiro do filme é bem previsível e superficial na maneira como retrata diversas facetas das consequências dessa situação. A sensação é de que, ao tentar realizar diversas críticas à sociedade de consumo globalizada do século XXI, McKay se perde um pouco na ambição por não conseguir desenvolver de forma satisfatória todos os pontos de sua sátira. Outro problema é a passividade da humanidade durante a trama, pois, por mais que a intenção seja mostrar como os indivíduos são facilmente manipulados por discursos polarizadores e carismáticos, não há como negar que a opinião pública sobre a vinda do cometa é banalizada, generalizada e deixada de lado, o que contribui para a sensação de superficialidade. Além disso, o filme tem duas questionáveis cenas pós-

crédito, que não só não acrescentam nada à narrativa, como tiram grande parte do peso dramático da conclusão. Falando em drama, talvez esta seja a parte mais efetiva do longa, pois os personagens de DiCaprio e Lawrence realmente convencem como dois pesquisadores completamente despreparados para lidar com a mídia e a fama, mas que se vêem obrigados a enfrentar líderes lunáticos, jornalistas sensacionalistas e celebridades alienadas para transmitir a divulgação científica necessária para a sobrevivência das espécies terráqueas.

Além dos nomes já mencionados, o filme tem um elenco gigantesco, com nomes como Timothee Chalamet, Cate Blanchett, Jonah Hill, Ariana Grande, etc., mas a grande quantidade de personagens faz com que grande parte deles se relegue quase a participações especiais. Talvez os maiores destaques sejam a lendária Meryl Streep, que aqui faz a irresponsável e desequilibrada presidente negacionista dos Estados Unidos, e Mark Rylance, que está interpretando o CEO de uma empresa de

tecnologia (que parece uma mistura de Apple e Tesla) que possui “outros objetivos” em relação ao asteroide. Dentro dos aspectos técnicos, a montagem chama bastante atenção por realizar bizarros cortes abruptos em vários momentos, e a trilha sonora de Nicholas Britell (Moonlight, Se a Rua Beale Falasse) utiliza-se bastante do gênero jazz para dar ênfase ao tom irônico do filme, acompanhando de maneira exemplar os momentos mais dramáticos.

Diante de todos os temas abordados no longa de Adam McKay, parte deles presente nesta edição da Cubista (os problemas



Capa do filme *Não Olhe para Cima*

atuais do cenário ambiental) é preciso destacar como *Não Olhe Para Cima* promove uma grande discussão acerca do negacionismo de perigos como as mudanças climáticas, o desmatamento, a poluição e a falta de soluções adequadas para esses problemas. Entrando no território dos SPOILERS e de detalhes mais específicos da trama, na grande conclusão, a humanidade acaba sendo completamente dizimada pelo cometa, pois uma missão capitaneada pela corporação do magnata interpretado por Rylance deseja extrair metais e pedras preciosas do asteroide ao invés de destruí-lo. No fim das contas, a operação é um fracasso, e a cobiça do

homem por mais riquezas e poder acaba sendo, de fato, sua perdição. Por mais que não estejamos diante de uma iminente total destruição ambiental como no longa (ainda não, pelo menos), é possível traçar um paralelo entre estes eventos e o descaso de empresas multimilionárias e autoridades governamentais, com as constantes ameaças ao equilíbrio ambiental e o bem-estar das espécies na natureza. Como um exemplo recente disso, temos o caso da Bahia, estado brasileiro que nos últimos meses vem sofrendo com fortes impactos de chuvas e alagamentos, e a falta de planejamento urbano, somada à ausência de medidas de mitigação de

eventos climáticos extremos. Esses eventos levaram ao cenário de mais de 430 mil pessoas afetadas por essas tragédias em pelo menos 72 cidades baianas.

Por mais que tenha problemas no roteiro e não seja tão bem sucedido na sua proposta como sátira, *Não Olhe Para Cima* propõe uma reflexão sobre diversos aspectos da atualidade e nos faz refletir sobre a maneira como nos comportamos diante de grandes desastres e eventos de comoção mundial. Se de alguma forma queremos que as gerações futuras tenham uma vida decente nesse pequeno planeta azul, nos resta “olhar para cima” e começar a agir.



Pôster do filme *Não Olhe para Cima* divulgado pela Netflix

DUNA: A QUESTÃO AMBIENTAL NA FICÇÃO CIENTÍFICA

POR VITOR PERES

Desde a Antiguidade, a relação sociedade x meio ambiente e recursos naturais do planeta sempre foi, no mínimo, complicada. Seja no desmatamento desenfreado da Mata Atlântica ao longo de anos, no acidente nuclear de Chernobyl ou no rompimento da barragem de Mariana, o “Homem” sempre esteve disposto a dar prioridade a um ideal de progresso e modernização em detrimento do bem estar da natureza e das espécies que nela vivem. Já não é de hoje que ouvimos falar sobre graves problemas, como mudanças climáticas, buraco na camada de ozônio, derretimento das calotas polares, a lista não tem fim. Ainda mais comum é o fato de que grandes líderes mundiais pouco se empenham em mudar esse cenário, além da existência de pessoas que não têm a menor consciência da gravidade desses eventos, ou simplesmente não se importam com suas consequências. Diante disso, nesta edição, a Revista Cubista abordará os diferentes aspectos dessa problemática que afeta a humanidade de forma geral. Como acréscimo à discussão, falaremos sobre as distintas versões de “Duna”, obra criada por Frank Herbert em 1965, uma das maiores histórias de ficção científica de todos os tempos. Dentre vários temas abordados, o romance de Herbert se tornou revolucionário por ser extremamente à frente de seu tempo no que diz respeito à representação da tecnologia e da inteligência artificial, às críticas ao imperialismo e líderes carismáticos, e é claro, à maneira como apresentava questões ecológicas de forma complexa e até assustadoramente profética.

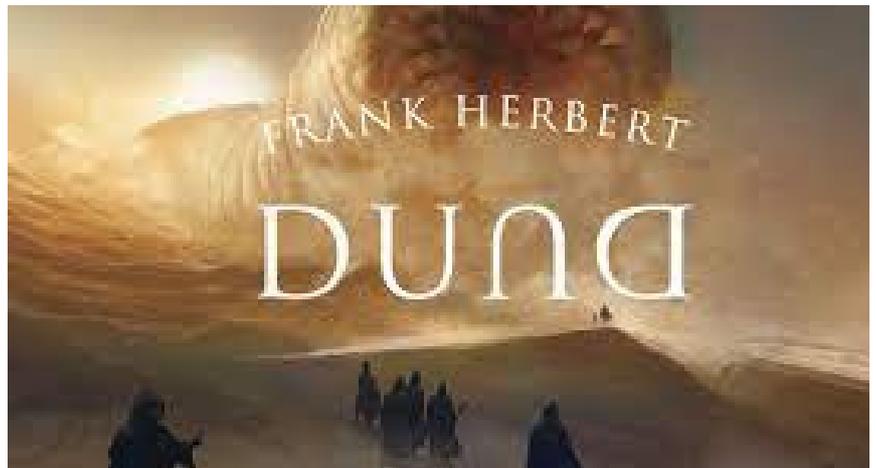
DUNA (LIVRO-1965), POR FRANK HERBERT

Ambientado 24.600 anos no futuro, numa época onde a Terra já não é mais habitada e já foi há muito esquecida, o primeiro livro da série conta a história de Paul Atreides, jovem herdeiro da Casa Atreides, que se vê no meio de uma disputa política entre sua família e seus principais rivais, a Casa Harkonnen. O conflito se inicia quando o Imperador Shaddam IV, decidido a eliminar o Leto

Atreides (pai de Paul) e motivado pela influência e pela popularidade que este último exerce entre os nobres, se une ao Barão Vladimir Harkonnen para organizar uma armadilha que destrua não apenas o Duque, mas todos os seus parentes e aliados. Esse plano maquiavélico envolve a transferência da administração do planeta desértico Arrakis para os Atreides, a única fonte do

bem mais valioso da galáxia, a especiaria Melange. Durante sua jornada para o desconhecido mundo, Paul se depara com dificuldades: a falta de recursos como a água; o povo nativo arrakino como o desespero conhecido como “fremen”; vermes de areia gigantes que podem chegar até 450 metros, dentre outros obstáculos; por fim, a misteriosa

profecia do “Kwisatz Haderach”, um homem poderoso o bastante para enxergar diferentes períodos do espaço-tempo de maneira presciente. Muito se pode falar sobre como esta obra reflete grandes questionamentos e empreitadas enfrentadas pela humanidade até hoje. A dependência das máquinas e da tecnologia, por exemplo, é retratada através da Jihad Butleriana, uma cruzada realizada antes dos eventos da narrativa, que pregava a extinção de qualquer computador ou maquinário que buscasse replicar a mente humana. Esse esforço político tinha como justificativa a ideia de que os humanos haviam se tornado escravos de suas próprias invenções. Além disso, severas alusões à manipulação imperialista e à ascensão de líderes autoritários são feitas através da opressão dos fremen para a extração e, como o desespero deles frente aos constantes ataques aos seus territórios e cultura, tornam-se facilmente influenciados e guiados pelas “Vozes do Mundo Exterior”, ou seja, estrangeiros que os dominavam a partir de ideais libertadores. No entanto, o grande destaque se deve ao fato



Capa de *Duna*, obra criada por Frank Herbert

de que, ao localizar sua história em um ambiente marcado pela escassez de água e o impedimento do progresso científico por conta da retirada de recursos naturais, Herbert mostra o quanto prejudicial o capitalismo, praticado de maneira predatória, pode ser para uma biosfera inteira. Por mais absurda que a ausência de fontes hídricas possa ter sido para alguém nos anos 60, hoje em dia, segundo dados da Unicef (Fundo das Nações Unidas Para a Infância), menos da metade da população mundial tem acesso à água potável, pois apenas 6% dela destina-se para consumo doméstico. Isso se deve a uma série de fatores, mas podemos indicar a sua má distribuição, a poluição de rios e lagos e as constantes secas geradas pela falta de chuvas, que, por sua vez,

é ocasionada pela mudança do curso de ventos e alterações na biodiversidade terrestre. Como fruto dessa história extremamente ambiciosa e inovadora, *Duna* se tornou o livro de ficção científica mais vendido da história, rendendo o prêmio Hugo de 1966, além de cinco continuações e uma grande inspiração para outras obras do gênero, como *Star Wars* e *Perdido em Marte*. Os posicionamentos levantados pelo filme, não só no campo da ecologia, se mantêm atuais no século XXI. Com tanto sucesso, era só uma questão de tempo até que a jornada de Paul e o universo criado por Frank Herbert fossem adaptados para outras mídias.

DUNA (FILME-1984), POR DAVID LYNCH

Depois de duas fracassadas tentativas anteriores dos diretores Alejandro Jodorowsky e Ridley Scott, a primeira adaptação de Duna aos cinemas chegou em 14 de dezembro de 1984 aos Estados Unidos. Dirigido pelo cineasta David Lynch (que na época já havia realizado futuros clássicos como *Eraserhead* e *O Homem Elefante* e, mais tarde, seria responsável pela aclamada série de TV *Twin Peaks*) e com um elenco gigantesco, contendo nomes como Kyle MacLachlan, Patrick Stewart, Max Von Sydow, Sting, etc., o longa tinha a árdua tarefa de adaptar as mais de 700 páginas e apêndices do primeiro livro de uma maneira que fizesse justiça à obra original, e que fosse acessível para o público em geral.

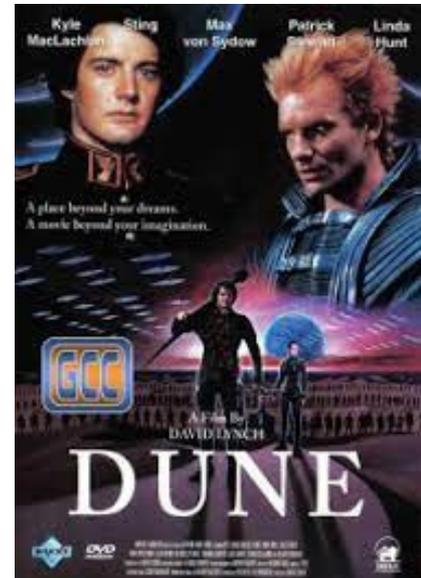
É impossível falar sobre Duna de 1984 sem mencionar os inúmeros problemas de produção que o afetaram. A grande causa desses empecilhos foi o desejo do estúdio e dos produtores de lançar um filme que durasse em torno de 2 horas, quando o objetivo de Lynch era realizar uma obra mais longa que tivesse o tempo

necessário para desenvolver os variados aspectos da trama.

Além disso, a equipe enfrentou uma série de cortes no orçamento, o que impossibilitou a realização de várias cenas, dificultou a elaboração dos efeitos especiais e a montagem do design de produção, bem como obrigou a localização das filmagens no deserto em uma estrutura extremamente precária na Cidade do México.

Diante de tantos problemas técnicos e administrativos, a história do filme acabou sendo a maior prejudicada. O roteiro tem um ritmo muito acelerado, passa por momentos e conceitos importantes em pouco tempo e simplesmente não dá espaço ao espectador para se conectar com a narrativa, ou até mesmo compreender o básico para entendê-la.

O clímax, por exemplo, acontece de forma tão apressada que elimina qualquer tensão ou conflito que exista na obra de Frank Herbert. Somado a isso, por mais que os atores tivessem tentado, suas performances não conseguiram ser marcantes devido ao



Capa de *Duna*, por David Lynch

pouquíssimo tempo de tela dedicado ao desenvolvimento de seus personagens e, mesmo com um uso polêmico da técnica do "voice-over" (uso de falas gravadas na pós produção por cima do áudio original) para explicar os pensamentos deles, suas motivações acabam ficando vazias. O próprio protagonista Paul Atreides, aqui interpretado por MacLachlan, é particularmente desinteressante de acompanhar. No meio dessa confusão, alguns aspectos que se referem à identidade visual fantástica e excêntrica do longa são os elementos

mais positivos e algumas das temáticas do livro, como a cultura dos fremen e as discussões ecológicas do meio ambiente de Arrakis, ainda se mantêm presentes, por mais que fiquem em segundo plano.

Como resultado dos problemas já abordados, a adaptação de 1984 de *Duna* foi um fracasso de crítica e bilheteria, sendo até hoje debatida pelos admiradores da franquia e renegada pelo próprio David Lynch, que já deixou claro várias vezes seu descontentamento com o corte final que foi lançado nos cinemas, pois reza a lenda que sua visão completa teria quase 4 horas de duração. Mesmo após o lançamento de uma versão estendida e outra editada pelos próprios fãs, ficou a expectativa de que algum dia a obra seria transposta de forma digna para as telas.

DUNA: PARTE UM (FILME-2021), POR DENIS VILLENEUVE

Trinta e sete anos após o filme de David Lynch, *Duna* retorna às telonas no ano de 2021, agora na visão do diretor franco-canadense Denis Villeneuve, que já havia se destacado por outros trabalhos de ficção científica como *A Chegada* (2016) e a excelente sequência do clássico *Blade Runner: O Caçador de Andróides* (1982), *Blade Runner 2049* (2017). Mais uma vez tendo um elenco de peso, com nomes como Timothee Chalamet, Rebecca Ferguson, Oscar Isaac, Jason Momoa, Zendaya, etc., desta vez o primeiro livro da série será adaptado em dois filmes, com o objetivo de desenvolver gradualmente e com fidelidade os vários personagens e as diversas camadas da complexa obra de Herbert. A primeira coisa que fica clara ao assistir a esta nova versão de *Duna* é a sua impecável

parte técnica. Villeneuve, que já havia demonstrado aptidão para filmar cenários futuristas grandiosos em *Blade Runner 2049*, aqui aborda a narrativa na escala mais épica e marcante possível. Isso fica claro nos planos abertos que mostram o quão pequenos os humanos são diante das colossais naves da Guilda Espacial, ou dos selvagens e majestosos vermes de areia; nos cenários imensos e cheios de detalhes e referências a passagens dos livros; nos figurinos que, não só buscam ser os mais fiéis às descrições das páginas, mas também revelam informações sobre os personagens; na maneira como até mesmo os grãos de areia se movem de forma viva para demonstrar toda imensidão de Arrakis; entre outros aspectos. Também vale ressaltar que o trabalho de som do longa é

muito interessante, que vai desde o canto frio e industrial do exército imperial, os Sardaukar, até barulhos misteriosos e ameaçadores emitidos pelos vermes. Para complementar o primor técnico, a fotografia de Greig Fraser (*The Batman*, *Rogue One: Uma História Star Wars*, *Lion: Uma Jornada Para Casa*) contribuiu para a atmosfera contemplativa do filme e a trilha sonora de Hans Zimmer (*Interestelar*, *A Origem*, *Gladiador*) é tão essencial para a construção do filme que sua mistura de tambores, gaitas de fole, sintetizadores e mais um monte de instrumentos transmite a periculosidade e a sensação de descobrimento da jornada de Paul. Quanto à adaptação em si, Villeneuve e os roteiristas Eric Roth e Jon Spaihts tomaram a acertada

decisão de concentrar a narrativa no arco de Paul (Timothée Chalamet) e na profecia do “Kwisatz Haderach” para tornar a história mais focada e permitir que o público sem conhecimento prévio da obra não fique perdido no meio de tantas informações, nomes complicados e conceitos. Infelizmente, muitos elementos do livro, como a cruzada contra as máquinas e os diferentes lados da disputa política pelo controle da especiaria e do universo, acabam ficando de lado. As discussões ecológicas, por mais que estejam nas entrelinhas, também não recebem tanta atenção, recebendo apenas algumas menções pela personagem da Dra. Liet Kynes (Sharon Duncan

Brewster). Outro fator que pode vir a causar um descontentamento em alguns é a incompletude da história e a maneira relativamente abrupta como o longa termina, o que torna extremamente dependente da qualidade de suas futuras continuações. Em relação às demais atuações, os destaques são Rebecca Ferguson como Lady Jessica Atrides, que é capaz de demonstrar todo o drama a divisão entre deveres de uma bruxa da ordem das “Bene Gesserit” e o papel como mãe e esposa, e, surpreendentemente, Jason Momoa como o guerreiro Duncan Idaho, que se mostra muito melhor que a sua contraparte literária ao

esbanjar carisma, bravura e lealdade aos seus aliados. Mesmo não abordando todos os inúmeros aspectos do livro de Frank Herbert, *Duna: Parte Um* é a melhor adaptação possível para a história, servindo como um ótimo filme de ficção científica e uma excelente introdução, não só para a futura franquia de filmes, mas para o universo da obra como um todo. Tendo já a *Parte Dois* confirmada e uma riqueza de assuntos, personagens e temáticas ainda para explorar, espera-se que o medo e a incerteza não assassinem a criatividade de Villeneuve e os responsáveis por apresentar a toda uma nova geração o grande poder do deserto.



Capa do filme *Duna*, por Denis Villeneuve

PASTEL DE BELÉM

POR LARYSSA LIZ

Vocês conhecem a história do Pastel de Belém?

Trata-se de um doce típico português que ganhou seu espaço também aqui no Brasil. A iguaria surgiu há mais ou menos 200 anos, como muitos já sabem, em Portugal, mais precisamente pelas mãos de monges do mosteiro dos Jerônimos, em Belém. A história da criação do Pastel de Belém possui diversos contos e versões porém uma das mais credibilizadas diz que, por ser um país religioso e ligado ao catolicismo até os dias atuais, a produção de hóstias era massiva e a

receita das hóstias possui somente a clara do ovo. Para conseguir aproveitar a gema do ovo que a princípio era descartada, os monges (apenas eles poderiam trabalhar na cozinha) eram os únicos que possuíam a receita dos pastéis. Por volta de 1920, em decorrência de revoluções liberais, muitos monges precisaram sair dos conventos. Assim, um deles, em busca de um emprego, conheceu um comerciante e, juntos, começaram a venda dos

tão famosos Pastéis de Belém. Uma coisa muito curiosa que podemos levar em consideração é que sua receita original é guardada até hoje, e os pastéis que são reproduzidos tentando se assemelhar ao gosto do Pastel de Belém ao redor do mundo são chamados de pastel de nata.

Agora, vamos para a melhor parte? Reserve já um final de semana para fazê-lo com a família, eles irão amar. A receita consta na íntegra do canal Receitas, do portal Globo.

INGREDIENTES - MASSA

- 1 e 1/2 copo de farinha de trigo
- 1 xícara de água
- 1 pitada de sal
- 200g de margarina

INGREDIENTES - CREME

- 1 litro de leite
- 3 gemas
- 1 lata de leite condensado
- 6 xícaras de açúcar
- 3 colheres (sopa) de amido de milho

MODO DE PREPARO - MASSA

1. Coloque todos os ingredientes numa batedeira. Bata bem, até conseguir uma massa macia, que não grude nas mãos.
2. Abra a massa com um rolo, numa mesa enfarinhada. Passe margarina por toda



a superfície. Dobre como se fosse papel de carta (em 3 vezes), repita esta operação mais duas vezes. Deixe descansar por mais 30 minutos. Abra a massa, mas não passe a margarina. Dobre as duas pontas até o meio e dobre novamente até o meio. Repita esta operação mais uma vez e deixe descansar por mais 30 minutos. Repita este processo mais duas vezes. Cubra a massa com papel filme e leve à geladeira, deixando descansar por 12 horas.

MODO DE PREPARO - CREME

1. Leve o leite junto com o açúcar ao fogo. Retire um pouco desse leite (frio) para dissolver o amido de milho, as gemas e o leite condensado. Assim que o leite ferver, misture todos os ingredientes e deixe cozinhar misturando sempre. Reserve.

MODO DE PREPARO - MONTAGEM

1. Abra a massa com um rolo até conseguir uma espessura bem fina. Junte todas as forminhas e coloque a massa aberta sobre elas. Deixe descansar por 30 minutos.

2. Corte com um rolo. Com uma bola de massa, aperte cada forminha para tomar o formato da mesma. Coloque o creme com o auxílio do saco de confeitar e leve ao forno para assar até corar.

BRIGADEIRO DE OREO

POR MARIANA MEHRY

Para essa receita, você vai precisar de:

- 1 pacote de biscoitos Oreo
- 1 lata de leite condensado
- 1 colher (sopa) de margarina

Modo de preparo:

1. Com a ajuda de uma faca, separe o recheio do biscoito. Em uma panela, adicione o leite condensado, a margarina e o recheio do biscoito e misture os itens em fogo médio, até que a mistura comece a desgrudar do fundo da panela.

2. Enquanto o brigadeiro esfria, quebre o biscoito em pequenos pedaços.

3. Enrole o brigadeiro e passe as bolinhas nos pedacinhos de biscoito.

Pronto! Agora é só aproveitar essa delícia!



Ilustração por
Juliana Spilotros

TRAGÉDIAS AMBIENTAIS NO BRASIL

POR LUÍSA BROWN E GIOVANNA BORDALLO

A humanidade depende do meio ambiente. Distintas civilizações sempre usaram os recursos naturais para sua sobrevivência, porém de formas diferentes: os povos pré-colombianos, como os indígenas brasileiros, tinham uma mentalidade de preservação da natureza de forma que esta pudesse suprir as necessidades das futuras gerações; já as sociedades capitalistas passaram a explorar o meio ambiente intensivamente para sustentar sua lógica de consumo e de obtenção de lucro. A exploração

excessiva e a interferência em ecossistemas por parte dos seres humanos, sobretudo destas civilizações modernas, foi (e ainda é) um significativo agravante para a ocorrência de tragédias ambientais.

As mais recentes foram as chuvas em Petrópolis, que superaram seu recorde de 1998 em tamanho e número de mortes. Os danos materiais foram gigantescos, deixando mais de 950 pessoas desabrigadas e levando o município petropolitano e

suas cidades vizinhas a se unirem para apoiar aqueles que perderam tudo ou quase. Carros empilhados, construções inundadas e destruídas, vidas perdidas e pessoas desaparecidas são apenas exemplos dos acontecimentos desse Fevereiro de 2022. A média climatológica na cidade de Petrópolis era de 185 milímetros, dado que foi facilmente ultrapassado no dia 15 de fevereiro, quando foram registrados 259.8 milímetros, sendo 250 deles somente entre 16:20 e 19:20.

Entramos em contato com as autoridades de Petrópolis para esclarecer algumas dúvidas e trazer informações para vocês, queridos leitores, sobre o processo de resgate e ajuda às vítimas das chuvas. As perguntas a seguir foram respondidas pelas assessorias de imprensa do CBMERJ, da Sedec -RJ e da Prefeitura de Petrópolis.

1. Quais têm sido as maiores dificuldades das equipes de apoio e resgate às vítimas das chuvas?

A missão chegou a registrar mais de 100 pontos de buscas simultâneos, em toda a cidade, sendo a grande maioria em terrenos instáveis que poderiam ceder e provocar novos deslizamentos, colocando os bombeiros em risco. Um cenário como esse exige atuação de equipes altamente capacitadas. O CBMERJ enviou para Petrópolis uma força-tarefa, uma tropa de elite com militares especializados em busca com cães farejadores, em operações de salvamento em desastres e em resgate em estruturas colapsadas. São profissionais que trabalham de forma encadeada, otimizando os recursos e diminuindo o tempo-resposta.



2. Quais as necessidades imediatas das pessoas em situação de desamparo nesse momento, para que a população em geral colabore com os trabalhos de apoio e reconstrução da cidade?

No momento, todos os desabrigados estão recebendo assistência. É preciso ter paciência e evitar sair de casa sem necessidade. Ainda há vias fechadas, as escolas voltaram às aulas e todos podem colaborar para um trânsito melhor.

A Secretaria de Assistência Social segue no atendimento às 1014 pessoas, que moravam em áreas de risco e que continuam acolhidas em 25 abrigos temporários em escolas públicas, além dos estruturados voluntariamente em associações, ONGs e entidades pelas comunidades. Todas as pessoas recebem os atendimentos de assistência social, saúde e, ainda, acompanhamento psicológico, além de atividades recreativas e educativas para as crianças. O benefício do aluguel social, no valor de mil reais, está sendo direcionado para todos que perderam suas casas.

A Secretaria de Defesa Civil segue no trabalho de conclusão dos laudos técnicos das vistorias por áreas afetadas. Até o momento, 4647 ocorrências foram registradas, a maior parte delas por deslizamentos. Estão em andamento 3106 vistorias em regiões das 42 localidades afetadas. O domingo encerrou com mais de 800 laudos concluídos. Laudos das vistorias técnicas podem ser solicitados pela internet.

Os laudos técnicos das vistorias feitas em residências afetadas podem ser obtidos pela internet. Para solicitar documento do Registro de Ocorrência (RO) da Defesa Civil, basta acessar o site da Defesa Civil: <https://www.petropolis.rj.gov.br/dfc/>. Em seguida, o solicitante deve acessar o campo RO Digital e informar o número do RO – código de cinco números fornecido no momento que se faz a solicitação de vistoria. Nesse ambiente já será informado se o laudo está liberado e caso positivo, basta seguir para o campo de solicitação do documento.

3. Que tipos de donativos são mais urgentes no momento? Quem pode ajudar e de que maneira?

A Central de Arrecadação de Petrópolis pede que as grandes doações para as vítimas do temporal sejam agendadas para garantir a distribuição adequada dos itens. A central fica localizada na rodovia BR-040, KM 62, em Itaipava (na antiga Tec Auto) e recebe doações vindas de fora da cidade.

“Neste momento, temos que garantir que tudo que chega seja distribuído de forma adequada para atender às famílias vítimas da chuva. Estamos vendo essa enorme corrente de solidariedade e agradecemos a todas as pessoas que trouxeram as doações”, disse Marcelo Soares, secretário de Desenvolvimento Econômico e coordenador da Central de Arrecadação da prefeitura de Petrópolis.

O agendamento deve ser feito pelo telefone (21) 99972-5230. Da Central de Arrecadação de Petrópolis, os donativos são distribuídos para os pontos que abrigam locais como igrejas, ongs e associações de moradores, de acordo com a necessidade de cada um deles.

Veja o que doar:

- ▶ Cesta básica já montada (20kg);
- ▶ Kit de higiene pessoal (com desodorante, absorvente, sabonete etc.);
- ▶ Kit de limpeza (com desinfetante, saco de lixo, luvas descartáveis, detergente, esponja etc.);
- ▶ Kit com amenidades (com biscoitos, guloseimas, brinquedos, jogos infantis etc.);
- ▶ Toalhas novas;
- ▶ Roupas de cama e travesseiros novos;
- ▶ Roupa íntima nova (infantil, feminina e masculina).

4. Quais os canais de comunicação para quem quiser colaborar com a coordenação das equipes de trabalho de voluntários e apoio? Quais os órgãos responsáveis?

O Estado do Rio Janeiro conta com o maior programa de voluntariado do país com foco em Defesa Civil. Criada pela Sedec-RJ, a Rede Salvar é composta, atualmente, por cerca de 3,5 mil cidadãos aptos para atuar em caso de emergência.

Para se cadastrar, o voluntário deve preencher o formulário de adesão ao serviço no site www.redesalvar.defesacivil.rj.gov.br. Os integrantes desta rede recebem treinamentos ao longo do ano. Sendo assim, é um canal que funciona a longo prazo. A rede conta com grupos de radioamadores, escoteiros, jipeiros, entre outros.

Caso você esteja interessado em ajudar as pessoas desabrigadas em Petrópolis, segue uma lista de instituições que estão aceitando doações.

ESCOLAS PONTO DE APOIO EM PETRÓPOLIS

Escola Municipal Papa João Paulo
R. São Sebastião, 625; São Sebastião

Escola Germano Valente
R. Dr. Sá Earp, 88; Morin

Escola Municipal Marcello Alencar
Av. Amaral Peixoto, s/n; Quitandinha

Escola Rubens de Castro
Chácara Flora

**Centro Educacional Infantil
Chiquinha Rolla**
R. Campos, 1; Quitandinha

Escola Municipal Geraldo Ventura
Estr. Velha da Estrela; Alto da Serra

Escola Municipal Duque de Caxias
Travessa Luciano Camarota, 78; Estrada
da Saudade

Escola Paroquial Bom Jesus
R. Dr. Thouzet, 820; Quitandinha

Escola Municipal Nilton São Thiago
Av. Leopoldina, 561; Nogueira

Escola Municipal Joaquim Deister
R. Dr. João Glass Veiga, 111; Floresta

Escola Paroquial Carlos Demiá
R. Fernandes Viêira; Retiro

Escola Municipal Hercília Moret
R. Vig. Correa, 238; Corrêas

**Escola das Comunidades Santo
Antonio**
R. Cel. Albino Siqueira, 197; Alto da Serra

Escola Municipal Maria Campos
(Recebendo apenas desabrigados que
precisem de atendimento médico leve)
R. Buenos Aires, 108; Centro

Escola Monsenhor Gentil
R. Marechal Floriano Peixoto; Centro

Escola Municipal Stefan Zweig
R. Sergipe; Quitandinha

Escola Municipal Alto Independência
R. Leonor Maia, 1670; Independência

Outras localidades brasileiras que sofreram com chuvas avassaladoras foram o estado da Bahia e de Minas Gerais. Ambos enfrentaram essas chuvas no mesmo período – eventos catastróficos que levaram a mais de 430 mil afetados. Pessoas desabrigadas, mortas, desaparecidas. Mais de 72 cidades foram atingidas. No verão, as chuvas costumam ser mais intensas em algumas regiões do país por causa da umidade elevada, porém, em virtude das mudanças climáticas, o potencial dessas chuvas de verão foi intensificado em um nível destrutivo. Na região metropolitana de BH, sobretudo no município de Ribeirão das Neves, os movimentos sociais foram de grande apoio às vítimas das tragédias. Laura Sabino, uma youtuber e streamer marxista engajada nas questões sociais de sua cidade (Ribeirão das Neves),



Foto de Laura Sabino, via @mylaura_m no Instagram

conseguiu arrecadar doações de seus seguidores para a reconstrução de moradias em sua comunidade. Ela própria inclusive participou ativamente desta ação por meio do trabalho de base. Seu conteúdo nas mídias digitais têm sido de grande importância para combater a desinformação sobre diversos movimentos sociais, como o MST, desmistificando ideias errôneas sobre eles que já se tornaram parte do senso comum.

Em 2019 e 2020, ocorreram também incêndios na Amazônia e Pantanal respectivamente, causadas por secas severas e descaso com a proteção desses ecossistemas. Até Agosto de 2020, mais de 12% do Pantanal foi atingido pelo fogo, ao passo que os números de queimadas e incêndios registrados até dia 14 de setembro de 2020 na Amazônia superaram o mês inteiro de Setembro de 2019, marcando um aumento de 86% em comparação ao mesmo período no ano anterior. Essas mudanças climáticas causadas pelos incêndios geram diversos impactos, como aumento de temperaturas, redução de chuvas e consequentemente períodos mais secos em algumas regiões. Esse cenário aumenta a possibilidade de ocorrência

de grandes novos incêndios no futuro, pela combinação do clima seco com material combustível (como restos de desmatamento, folhas e madeira) e fontes de ignição, todas estes fatores decorrentes da influência humana. A questão dos incêndios florestais se retroalimenta. É importante frisar que, neste caso, entende-se por “ação humana” o projeto dos latifundiários na destruição do meio ambiente por lucro. Essas pessoas desmatam e queimam terras para o plantio de soja e criação gado – ambos produtos que serão exportados, não consumidos pelo próprio povo brasileiro.

Posto isso, é perceptível que a intervenção humana nos ecossistemas agravou eventos naturais, como é o caso das erosões do solo, incêndios em regiões quentes e as outras situações anteriormente citadas. As chuvas de verão, que ocorrem em Petrópolis, Bahia e Minas, são eventos naturais que foram intensificados pela mudança climática, a qual está sendo negligenciada pelos governos ao redor do mundo. Desde a segunda metade do século XIX, época em que aconteceu a Segunda Revolução Industrial, a temperatura média do planeta Terra já aumentou em 1.1 graus Celsius. Segundo os

cientistas da ONU, já estamos muito próximos de atingir a temperatura de 1.5 graus Celsius acima da temperatura original e há a possibilidade de chegarmos a 2 graus Celsius de aquecimento já na primeira metade deste século, ou seja, daqui a menos de trinta anos. A crise climática vai deixar muitas regiões vulneráveis a tragédias ambientais, levando à morte e ao refúgio de milhões de pessoas, sobretudo nos países mais pobres, que menos contribuíram para o desgaste do planeta. Países ricos, como os da União Europeia, possuem planos para conter os problemas climáticos apenas em seu território, fechando os olhos para o resto do mundo e para seus futuros refugiados. A mudança climática (e seu combate) também irá perpetuar questões sociais já existentes.

Mas será que todas essas tragédias poderiam ter sido evitadas? Há alguma maneira de prevenir situações assim no futuro? Falando de Brasil, existem políticas públicas preventivas para conter desastres como os que aconteceram em Petrópolis, Bahia, Minas Gerais e em muitos outros lugares pelo país. Segundo as palavras do prefeito de Petrópolis, Rubens Bomtempo, "a população foi sendo excluída, ocupando a periferia, em grande parte tentando legitimar um território que foi negado historicamente. Aí as pessoas moram em áreas de risco, pois não foi dado para elas o direito de morar melhor. A gente tem que fazer essa reflexão também". É necessário que as políticas públicas preventivas sejam seguidas corretamente desde já por parte das

autoridades estaduais e municipais. Por fim, cabe à população, exercendo sua cidadania pressionar os políticos eleitos a cumprir estes projetos fundamentais para proteger a população.

Existe, para a proteção dos ecossistemas nacionais, o IBAMA, que tem sofrido nos últimos anos um desmonte e consequente sucateamento por parte do Governo Federal. Esse órgão brasileiro é responsável por fiscalizar áreas protegidas, como a Floresta Amazônica e o Pantanal, para deter a atividade ilegal de madeiras, garimpeiros, e o uso indevido das terras para a agropecuária. As queimadas de 2019 poderiam ter sido evitadas, ou amenizadas, com maior fiscalização e instrumentalização do IBAMA. Caso os territórios naturais permaneçam sem a devida fiscalização, incêndios como esses serão cada vez mais comuns, ainda mais com a redução da umidade nessas regiões e a prolongação de períodos secos. Para que haja futuro, o Estado brasileiro deverá tomar providências de proteção ao meio ambiente e àqueles que mais o protegem: os povos originários.



Membro da brigada de incêndio do Ibama tenta controlar as chamas em um ponto de queimada em Apuí, no Amazonas — Foto via G1, por Ueslei Marcelino/Reuters

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

POR LARYSSA LIZ E CAMILA MAIA

O curso de Relações Internacionais oferece diversos caminhos e atrai bastante a curiosidade dos jovens em uma sociedade cada vez mais conectada globalmente. Generalizando, as Relações Internacionais falam da comunicação entre povos de diferentes nações com diferentes tradições e culturas. Contribui para o entendimento da diplomacia entre os países a fim de estabelecer acordos políticos, econômicos, comerciais e sociais.

O professor de Geografia, Greckson Ullyses, falou sobre como a matéria é percebida no dia a dia dessa carreira: “A centralidade do estudo da geografia é o espaço. Quando se observa as grandes potências, o conceito de espaço é essencial para atender seus interesses externos, por exemplo. Além do maior conhecimento da realidade, norteando as possibilidades geográficas e diplomáticas”. E complementa dizendo o quanto é fundamental a compreensão das Relações Internacionais para o mundo: “Permite identificar soluções para atenuar os problemas que existem e identificar aqueles que ainda estão sendo formados”.

LINHAS DE AÇÃO POSSÍVEIS NESSE MERCADO

1. Consultor de Comércio Exterior: profissional que trabalha com acordos visando o comércio internacional. Isso inclui importações e exportações de mercadorias entre diferentes países.

2. Profissional de Planejamento Governamental: trabalha com ferramentas e técnicas que possam executar ações econômicas e políticas públicas para o governo.

3. Diplomata: talvez a profissão mais famosa da área. O salário inicial, de cerca de R\$ 19 mil, é sempre comentado e presente no imaginário ligado à carreira. Trata-se de um servidor público concursado que trabalha para estimular a relação do país com os demais e promover os interesses brasileiros.

4. Organismos Internacionais: chamados de internacionalistas, são profissionais que atuam em organismos multilaterais como ONU, OMS e Banco Mundial, coordenando projetos, auxiliando pessoas e comunidades no geral.

5. Consultor e Assessor Internacional: as demandas de comércio exterior estão sempre em alta, mas não apenas questões econômicas, como também culturais e sociais. Quando uma empresa quer iniciar atividade em um novo país, por exemplo, precisa de consultoria a respeito dos valores locais.



Ilustração por
Luísa Brown

Ao Cubo Hoje e Sempre

PROF. LÉO PASCHOAL

Começamos com o professor de geografia Leonardo Paschoal. Léo é professor do Ao Cubo e já atuou em diversos colégios do Rio de Janeiro. Ele é conhecido por já ter sido chamado para ser paraninfo de diversas turmas de terceiro ano do Ensino Médio e por fazer até mesmo alunos que não gostam de geografia se interessarem pela disciplina.



POR JOÃO PEDRO MATOS

Léo, quando você decidiu ser professor?

Quando fiz o meu vestibular, eu queria fazer jornalismo esportivo, porém fui influenciado por dois professores incríveis que eu tive no pré-vestibular. Mas eu me decidi mesmo quando, no meu primeiro ano de faculdade, tinha um trabalho de monitor em um colégio e vi que tinha aptidão para dar aula.

Você já sofreu algum tipo de preconceito por sua escolha de profissão?

Nunca sofri nenhum tipo de preconceito, pelo contrário, acho que a sociedade enxerga ser professor como uma profissão muito bonita. O que eu já escutei foi a pergunta: “Você só dá aula?”, sendo que a profissão vai muito além da aula. Tem uma série de outras questões, como, por exemplo, a questão administrativa do lançamento de notas, a seleção do conteúdo que vamos trabalhar na aula e uma série de outras coisas.

Como você se sente quando uma turma de terceiro ano te escolhe para ser paraninfo?

É maravilhoso, ainda mais em um colégio como o Ao Cubo, que tem professores incríveis. Para mim é muito gratificante e é sinal que os alunos gostam de mim tanto como pessoa, quanto como professor. Já fui paraninfo de duas turmas e professor homenageado de uma e, em todas as vezes, foram sensações únicas.

Para fechar, o que você diria para um aluno que está no terceiro ano do Ensino Médio e ainda não sabe qual profissão escolher?

Diria para o aluno do terceiro ano ter calma, afinal é um ano muito difícil e muito estressante. Que ele busque orientação profissional e que ele faça um exame de consciência para ver a área que ele tem mais aptidão e que ele escolha (pesquisando) uma profissão que esteja dentro daquela área.



FAZER O QUE GOSTA: EDUCAÇÃO FÍSICA

Nesta edição, temos ainda a entrevista com a ex-aluna Carol de Lucas, que estudou no Ao Cubo nos anos de 2020 e 2021.

Esses dois anos foram os seus dois últimos na escola e aconteceram junto com uma pandemia mundial. Ela quer cursar Educação Física em uma faculdade pública e tem um Instagram (@caroldelucas) com mais de 12 mil seguidores perfil no qual ela mostra sua rotina e foca na importância da Educação Física em sua vida.

POR JOÃO PEDRO MATOS

Carol, você se formou durante a pandemia do coronavírus. Isso te afetou de alguma maneira?

Sim, com certeza. Sinto que perdi muito do que eu gostaria de ter vivido no meu Ensino Médio, coisas que eu nunca vou viver. Mas de certa forma, consegui aproveitar esse último ano de colégio, dentro do possível, até porque o Ao Cubo foi incrível no meu terceiro ano.

Tem algum professor do colégio que você vai levar alguma coisa que ele te falou para a vida?

Todos os professores me ensinaram muito, coisas que vou levar para a vida. Mas um professor que eu não poderia deixar de falar é o Leandro, de filosofia. Aprendi muitas coisas em todas as aulas dele, que quero aplicar na minha vida. Toda segunda-feira ia para a escola mais feliz por saber que teria a aula dele, amava como essa aula funcionava.

Carol, na entrevista com o Léo falamos sobre o preconceito que as pessoas têm com determinadas profissões e você escolheu fazer Educação Física, que é uma profissão pela qual muitas pessoas nutrem também um certo tipo de preconceito. Você já sofreu algum tipo de preconceito em relação à escolha de sua profissão?

Nenhum preconceito “escrachado”, mas já ouvi que é uma profissão que “não dá muito dinheiro” e que é difícil crescer nela. Mas, honestamente, não me importo muito, estou bem certa e ansiosa para me dedicar ao máximo para ser uma excelente profissional, mesmo sabendo das dificuldades que vou enfrentar!

Ainda nessa questão de escolha de curso, o que você diria para uma pessoa que quer fazer alguma profissão com a qual a sociedade ainda tem um certo preconceito?

Se é o que você sonha, se joga! Não liga para quem critica você, porque críticas sempre vão existir. Independente das dificuldades, se é algo que você realmente quer, você sempre vai querer melhorar, mirando sempre nas conquistas.

Para fechar, qual vai ser a maior lembrança que você vai guardar do seu Ensino Médio no Ao Cubo?

Com certeza, as aulas. Como eu disse, aprendi muita coisa que quero levar para a minha vida. Assim como os professores, por quem tenho o maior carinho e vou ter pro resto da vida. Por mais que fosse cansativa a rotina do terceiro ano, os professores sempre foram incríveis e faziam tudo ser mais leve. Tenho muita gratidão por todos!

Nota: Dias depois da entrevista com a Carol, ela postou em seu Instagram que conseguiu passar na UFRJ e começou a cursar Educação Física.

CONSUMIR ATÉ A ÚLTIMA GOTA, LUCRAR ATÉ O ÚLTIMO CENTAVO

POR LUÍSA BROWN E VÊNUS DE ALMEIDA

É provável que você, caro leitor, já tenha escutado alguém mais velho reclamar de como antigamente os objetos duravam mais e eram de melhor qualidade. Pois bem: seus avós, pais e tios estão certos quando dizem isto. Você e todos nós somos bombardeados diariamente por estímulos para consumir desenfreadamente coisas que em breve se tornarão obsoletas: celulares, roupas, carros, consoles de videogame... Todos estes bens que compramos duram pouco, cada vez menos, justamente para que continuemos consumindo mais e mais. Substituímos o mais rápido possível os produtos que já temos por outros mais novos e, supostamente, melhores. As mercadorias que passam a ser “obsoletas” costumam ser descartadas de maneira rápida e imprópria, levando centenas de anos para se reintegrarem ao meio ambiente.

A LÂMPADA CENTENÁRIA

Em 1901, foi instalada uma lâmpada em um quartel de bombeiros na cidade estadunidense de Livermore, no estado da Califórnia. Desde então, a lâmpada nunca queimou e permaneceu emitindo luz durante todos esses anos, embora sua capacidade de iluminar tenha reduzido de 30 para 4 watts. Registros mostram que só ficou apagada durante 22 minutos em toda sua história e por razões externas, como a mudança dos bombeiros para outro prédio e algumas poucas quedas de energia. Mas por que esta lâmpada ainda não deixou de funcionar? Bem, foi fabricada à mão em uma fábrica concorrente da indústria elétrica de Thomas Edison, muito antes da obsolescência programada se consolidar enquanto estratégia de mercado. O filamento dessa lâmpada é oito vezes mais espesso do que as lâmpadas comuns, sendo composto, possivelmente, por carbono. Além disso, este filamento é semicondutor, ou seja, se adapta melhor ao superaquecimento da lâmpada e impede que ela estrague facilmente como as lâmpadas atuais.

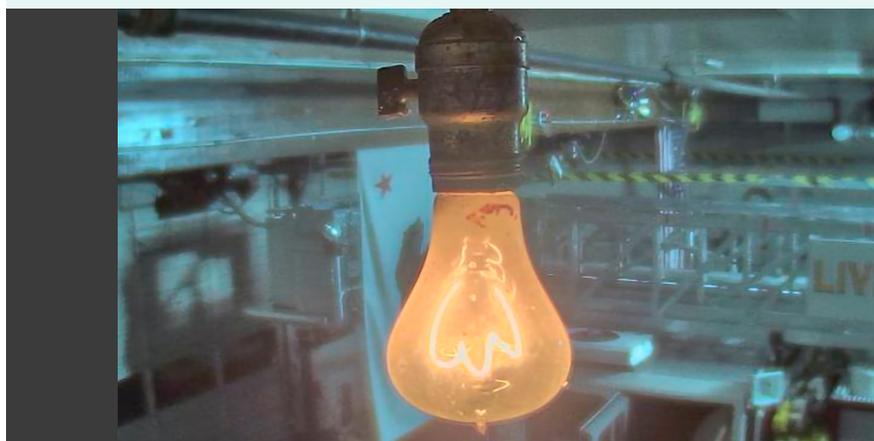


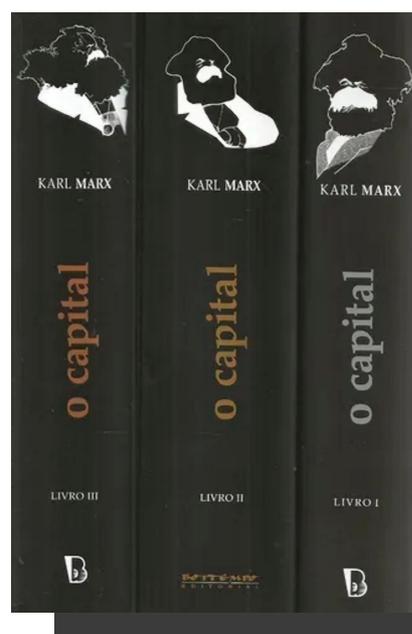
Foto da lâmpada centenária no prédio dos bombeiros, onde permanece atualmente intocada e iluminando o ambiente

É constantemente reforçada a ideia de que podemos salvar o planeta por ações individuais, pelo nosso estilo de vida e pelos produtos que consumimos. Ao mesmo tempo que o atual sistema capitalista nos incentiva a consumir em larga escala, também nos culpabiliza pelos problemas socioambientais, por não fazermos uso de produtos renováveis e ecológicos, os quais são extremamente caros e pouco acessíveis para a maioria da população. É completamente ignorada a ação de grandes indústrias e do agronegócio na destruição e poluição do meio ambiente, ações que visam somente lucro e nos aproximam cada vez mais rápido da Crise Climática. Seguindo esta lógica, o problema não seria o agronegócio reduzindo a Amazônia a cinzas, mas sim o uso de eletrodomésticos na sua casa.

Quando uma grande marca lança um produto ou serviço novo, o anunciam extensivamente nas mídias utilizando-se de ideias abstratas, como uma "liberdade". Isto é uma expressão do fetichismo da mercadoria, conceito apresentado por Karl Marx em sua obra mais extensa

e complexa: o Capital. O termo "mercadoria" diz respeito a qualquer objeto ou coisa que satisfaça necessidades (materiais) humanas, enquanto o fetichismo, termo derivado do latim *facticus* (artificial, fictício, irreal), é a atribuição de valor de uso a uma determinada mercadoria, sem se basear em algo concreto. Como foi dito anteriormente, podemos perceber este valor sendo propagado em peças publicitárias para persuadir o consumidor a comprar algo, utilizando-se de motivos sentimentais ou abstratos, ao invés da capacidade deste produto em atender às suas necessidades materiais.

Olhe, por exemplo, para os



O Capital, em seus três volumes da Boitempo

comerciais de margarina que vendem uma ideia de família tradicional feliz tomando café reunida em uma lindíssima mesa. Ou os comerciais de bebidas (tanto alcoólicas quanto não-alcoólicas), que mostram sempre pessoas felizes e perfeitas reunidas nos mais diversos ambientes: desde um lindo dia de sol na praia até uma ceia de Natal em família. Este modelo de comercial em específico se utiliza de um aspecto cultural antigo muito forte, sobretudo nos países judaico-cristãos, que é a união de pessoas queridas para desfrutar de uma refeição, seja esta simples ou farta. O capital pega aspectos culturais já existentes e os transforma em algo lucrativo, da mesma forma que se apropria de lutas sociais e as esvazia com a única finalidade de lucrar o máximo possível.

Segundo a psicanalista Maria Rita Kehl, em sua obra *O tempo e o cão*, "o que define a sociedade de consumo não é que todos comprem incessantemente os bens em oferta, acessíveis a poucos, mas que todos estejam de acordo com a ideia de que o valor dos sujeitos será dado pelo consumo". Tendo isso em vista, nesta sociedade de

consumo em que vivemos, quem não gera lucro para o sistema é dispensável, o que leva muitas pessoas a se endividarem para consumir produtos e serviços, dos mais básicos aos mais caros, apenas para que não sejam excluídos de sua humanidade. É uma lógica de “posso, logo existo”. Outra questão sobre o consumismo desenfreado é o descarte impróprio dos produtos que, propositalmente, duram pouco. A maioria dos centros urbanos mundo afora não possui estrutura para lidar com a quantidade de lixo produzido, até mesmo em países ricos, onde o consumo de bens e serviços é maior, proporcional ao poder de compra de sua classe trabalhadora. Quanto mais as pessoas consumirem e



Foto de Maria Rita Kehl em blog da Boitempo

Para além dos bens materiais, até os relacionamentos se tornaram descartáveis. De acordo com o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman, nada é feito para durar na modernidade líquida. Com a popularização das redes sociais, nossa subjetividade se tornou um produto muito disputado. As relações, de diversas naturezas, podem ser encerradas com poucos cliques. Estamos presenciando a morte do diálogo, onde só é visto ou escutado quem grita mais alto. Entretanto, esta lógica de imediatez e pouca durabilidade não se aplica somente às relações interpessoais: o jogo político também é afetado.

Produtores de conteúdo reacionários, como o Brasil Paralelo e o MBL, têm seu discurso mais difundido nas redes justamente por utilizarem-se de ideias simplistas e do senso comum aplicadas à política, cooptando as linguagens humorísticas da juventude, como os memes. Tais perfis ganharam espaço nas redes com click baits e sensacionalismo político, métodos que foram beneficiados pelo ritmo acelerado da atualidade. Enquanto isso, produtores

de conteúdo menos alinhados ao liberalismo capitalista costumam ter maior embasamento teórico e respaldo das ciências sociais em suas produções, as quais levam mais tempo para serem produzidas e consumidas, afinal, o conhecimento não é imediato. Em épocas de debate político, como nas eleições, estas figuras reacionárias de extrema direita citadas anteriormente recorrem a argumentos ad hominem quando contestados, sem nunca tomar uma postura aberta ao diálogo.

A questão da obsolescência programada é política e social, como tudo ao nosso redor. O capitalismo depende dessas estratégias destrutivas para continuar se perpetuando, o que torna uma humanização do sistema, um “capitalismo verde”, inviável, já que, desde seus primórdios, o sistema em ação se baseia na desumanização e exploração de grupos oprimidos e da natureza. Será que a classe opressora abriria mão de seu lucro para salvar o planeta e seus, ao seu ver, dispensáveis habitantes? Diz-se muito que o atual sistema é o único que deu certo. Pois veja bem, deu

certo para quem? Somente para os grandes capitalistas, detentores dos meios de produção, enquanto para o resto da população, explorada e precarizada, este sistema nunca funcionou e está se tornando pior a cada dia com as reformas neoliberais. As sociais

democracias não estão sendo suficientes para adiar o fim do mundo, visto que, por exemplo, países da União Europeia aplicam medidas sustentáveis em seus territórios e permanecem explorando e poluindo outros domínios. Caso não haja mudança radical no ritmo produtivo,

o planeta Terra e todos aqueles que nele vivem estarão fadados a se tornar vítimas da obsolescência programada. Assim, todo o lucro acumulado pelos capitalistas será inútil, afinal, de que serve dinheiro se não existir mais vida?

O AGRO É TÓXICO

POR LUÍSA BROWN

O Brasil historicamente é um país agroexportador, ou seja, depende da exportação de commodities, sendo profundamente marcado pela concentração fundiária. Para piorar a situação, recentemente, a bancada ruralista aprovou na Câmara de Deputados o projeto de lei 6299, também conhecido como PL do veneno, que altera a dinâmica de registro e fiscalização do uso de agrotóxicos em território nacional: a Anvisa e o IBAMA serão excluídos do processo, que agora ficará relegado ao Ministério da Agricultura, o qual está dominado pela oligarquia agrária brasileira. Um exemplo de pesticida aprovado por esse projeto de lei é o Ciclaniliprole, que já foi classificado pelas

autoridades nacionais como altamente perigoso. O Estado brasileiro tem ido contra a tendência global de redução do uso de agrotóxicos, legalizando e importando estas substâncias nocivas, que já foram banidas em diversos países mundo afora.

As empresas produtoras de agrotóxicos estão diretamente relacionadas com a indústria do agronegócio: seus lucros são diretamente proporcionais. A Bayer, por exemplo, que é uma das grandes produtoras dessas toxinas, comprou a corporação Monsanto, uma das maiores produtoras de sementes de soja transgênica, por 63 bilhões de dólares. É perceptível que esse ramo poluente, muitas vezes de origem

estrangeira, tem domínio sobre o setor agrícola, não o contrário. Quem lucra com o setor agrário brasileiro e o envenenamento dos nossos ecossistemas são grandes empresas multinacionais estrangeiras, como a Syngenta, a Cargill e a própria Bayer, as quais



Ilustração por Luísa Brown

possuem sede nas nações do Norte Global. Portanto, a renda gerada pelo meio rural não vai para a melhoria do nosso país, mas sim para os bolsos de corporações privadas internacionais. Enquanto isso, a população brasileira retorna à condição de fome e miséria que havia superado nas últimas décadas, conquista alcançada por uma luta histórica das classes oprimidas. O agro é retrocesso e representa o processo entreguista de desmonte em curso no país.

É possível que você, caro leitor, se pergunte como essa ofensiva do

agronegócio afeta a sua vida. Bem, sabe-se que a agroindústria latifundiária produz commodities como a soja para a exportação, não para o consumo interno. Quem de fato coloca comida nas nossas mesas é a agricultura familiar, produzindo mais de 70% dos alimentos que consumimos. O problema é que estes venenos utilizados pelo agronegócio contaminam o solo, a água, o ar e, conseqüentemente, a população em contato com o ambiente intoxicado. O veneno se espalha não só na região onde foi aplicado, mas pode ser levado para regiões próximas e, até mesmo, regiões mais

distantes. Essas substâncias nefastas podem chegar às nossas casas pela água, expondo-nos a graves enfermidades, como o câncer, e à morte.

Posto isso, para evitar o envenenamento em massa dos nossos ecossistemas e do nosso povo é importante lembrar que, enquanto indivíduos, não há muito o que ser feito além de se informar, já que um problema sociopolítico só pode ser resolvido por meio de ações coletivas. Deixo aqui como recomendação alguns produtores de conteúdo que falam sobre pautas socioambientais.

RECOMENDAÇÕES PARA ACOMPANHAR AS PAUTAS AMBIENTAIS



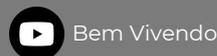
Laura Sabino



Sabrina Fernandes



Thiago Ávila



MST: UMA FRENTE DE RESISTÊNCIA AO AGRONEGÓCIO

POR LUÍSA BROWN

É possível que você já tenha escutado sobre o Movimento Sem Terra em algum lugar, seja atrelado a comentários bons ou ruins. Mas o que afinal seria o MST? É um movimento político que tem como objetivo uma reforma agrária justa para os trabalhadores do campo, ocupando terras

improdutivas, griladas ou que devem milhões em impostos para a União, as quais correspondem a 70 milhões de hectares em território brasileiro. Ao fazer isso, o MST coloca em prática o Artigo 5º da Constituição Brasileira de 1988, o qual coloca que toda propriedade deve ter função social. Embora seja

disseminada uma ideia mentirosa de que esse movimento é terrorista e violento, na realidade, não há o uso de violência e morte como tática de ação política por parte de seus militantes, os quais sofrem sim com a violência rural por se colocarem contra os interesses dos latifúndios.

SEU LUÍS: UM AGRICULTOR ASSASSINADO POR DEFENDER SEUS DIREITOS

Na cidade de Valinhos, no estado de São Paulo, há o Assentamento Marielle Vive, do MST, o qual tem sofrido não só com constantes ameaças de despejo e violência contra seus habitantes, mas também uma escassez de água que já se estende por alguns anos. O senhor de 72 anos Luís Ferreira da Costa foi um dos participantes de uma manifestação pacífica em 18 de julho de 2019 que reivindicava a melhor distribuição de recursos hídricos no município de Valinhos, levando também parte de sua produção para sensibilizar a prefeitura. Ele era um senhor que teve durante toda sua vida seus direitos básicos negados, como o direito à educação. No assentamento do MST, pôde enfim ser alfabetizado, como tanto sonhou e se dedicou aos estudos. Sua alegria, no entanto, não durou muito: na manifestação, que aconteceu no quilômetro 7 da Estrada do Jequitibá, foi atropelado criminosamente e propositalmente por uma caminhonete que mirava no grupo de agricultores. Seu Luís se foi, porém a sua luta se mantém viva no dia a dia dos trabalhadores camponeses.

Para mais detalhes, recomendo uma publicação do MST em seu site sobre o mesmo tema: “Cem dias após assassinato, Seu Luís é semente de luta no acampamento Marielle Vive”



Como foi dito anteriormente, os alimentos que comemos são produzidos em peso pela agricultura familiar, principalmente pelo MST, que se mantém com excedentes de produção e os vende a preços acessíveis. Os assentamentos produzem as principais quinze culturas do mercado interno e 70% de tudo que é consumido pela população brasileira. Detalhe importante: a forma de plantio destes pequenos agricultores é totalmente ecológica e livre de agrotóxicos, sendo os maiores produtores de alimentos orgânicos da República Federativa do Brasil, representando 8 em

cada 10 produtos orgânicos comercializados em território nacional. Já recebeu o Whitley Gold Award em uma cerimônia na Royal Geographical Society, em Londres, que é o prêmio mais importante de conservação ambiental do mundo. Também foi premiado com o Terceiro Prêmio Anual de Soberania Alimentar da Community Food Security Coalition (CFSC), na Califórnia. Seus produtos podem ser comprados em feiras e lojas parceiras dos assentamentos.

O MST não é apenas um movimento social, mas representa também uma via à construção de uma

sociedade realmente sustentável. Enquanto as grandes indústrias ditarem a maneira que devemos (sobre)viver, se manterá iminente o colapso ambiental. Muito pelo contrário, esse processo de deterioração será cada vez mais acelerado e potencializado. Para que haja futuro, será necessário um novo sistema produtivo. O Movimento Sem Terra e outros movimentos sociais são uma semente para a mudança que precisamos. São a semente para um novo mundo que ainda terá de nascer, construído e instrumentalizado pela juventude munida de consciência coletiva.



Foto de uma feira do MST disponibilizada no site do MST na publicação "Contra a fome e pelo direito de se alimentar bem"

STAND FOR UKRAINE

POR JULIANA SPILOTROS

Nos últimos tempos, o mundo vem presenciando centenas de acontecimentos que marcarão por muitos anos a história da humanidade. Infelizmente, dentre estas incessantes tragédias, uma delas acabou tomando uma grande proporção. Há mais de um mês atrás, no dia 24 de Fevereiro, o mundo inteiro se alarmava com a notícia de uma "nova" guerra entre Rússia e Ucrânia. Não se pode dizer que este conflito é recente, pois as cicatrizes deixadas após o período das Guerras Mundiais são mais profundas do que se pensa, e nem todas cicatrizaram.

Durante a época da Primeira e Segunda Guerra Mundial, Rússia e Ucrânia eram um Estado apenas, juntamente a outros países dos continentes Europeu e Asiático. Porém, em 1991, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) fragmentou-se, formando os países que conhecemos hoje. Após o término da União Soviética, a Ucrânia se tornou um país independente. Conseqüentemente, a Otan (Organização do

Tratado do Atlântico Norte) acabou passando a fazer parte deste conflito, e um dos principais motivos pelos quais este grande problema iniciou. Mas como a Otan entra neste problema?

A Otan iniciou-se através da liderança dos Estados Unidos com o objetivo de impedir o avanço do Socialismo, sistema político abordado pela Rússia e outros países da Eurásia. E com o fim da URSS em 1991, a Otan passou a ter como objetivo realizar acordos de interesses financeiros em comum com os países situados no Atlântico Norte. A Ucrânia, por sua vez, fazendo parte da região, foi convidada pelos países-membros a

participar desta organização. Porém, o governo de Vladimir Putin, presidente da Rússia, é totalmente contra esta entrada. O governo russo quer que a Otan se afaste dos países da parte Leste da Europa e receia que a Ucrânia, aceitando estar presente na Organização, dê abertura para o lançamento de mísseis contra o seu território.

Por este motivo, como forma de ameaça, em Fevereiro deste ano, o governo de Putin iniciou seu deslocamento para a fronteira com o território Ucrâniano, levando quase 100% de suas tropas para a fronteira, de acordo com o Departamento de Defesa



Bandeiras dos países membros da OTAN

dos Estados Unidos. Ou seja, segundo as estimativas norte-americanas, mais de 150.000 soldados preparando-se para a suposta invasão.

E assim, no dia 24 de Fevereiro, as tropas russas invadiram o território Ucrâniano com bombardeios e muita violência contra os cidadãos. O anúncio da invasão e início da guerra foi o oposto dito pelo governo Russo, que meses antes negou ter intenções de atacar o país vizinho. Porém, não foi uma surpresa visto as insatisfações do país com a fragmentação da União Soviética e independência dos atuais países que um dia fizeram parte da União Soviética.

Diversos países que vão contra a atitude do governo de Vladimir Putin tentaram de modo pacífico cessar a guerra e restaurar a paz entre os países, não somente os envolvidos no conflito. Entretanto, a Rússia respondeu às tentativas de paz com uma ameaça a aqueles que se envolvessem. E com isso, já estão a mais de um mês em completo caos. Famílias desabrigadas, soldados sacrificando suas vidas para defender seus

países, e ambas as nações clamando por paz. À medida que o número de vítimas aumenta, a Rússia se coloca mais em perigo, com enorme risco de falta de dinheiro, desvalorização maior de sua moeda, quebra de comércio com diversos países e a perda de cidadãos inocentes de ambas as partes, que apenas desejam paz.

Para recorrer a meios mais rápidos de comunicação, diversas comunidades em redes sociais estão compartilhando sua solidariedade com toda a Ucrânia. A hashtag #standforukraine foi levantada e foram vistas várias mensagens de apoio, doações de peças de roupas e dinheiro, bem como o amparo de diversas nações que ajudaram e continuam na missão de auxiliar como puderem.

Não se sabe quando esse enorme conflito irá acabar. Aqueles que hoje sofrem

temendo o que virá no amanhã merecem paz e o direito de viver, como todos os seres humanos merecem. Assim como disse Volodymyr Zelensky, atual presidente da Ucrânia, esta invasão está custando milhares de vidas. No final de tudo, quando este conflito cessar, o país mais prejudicado não será a Ucrânia. A nação receberá ajuda de diversas outras para reconstruir o que foi destruído pelas tropas Russas, que, ao contrário da Ucrânia, não receberão assistência devido às atitudes desumanas que fizeram.

Neste momento, prezamos pelo pacifismo entre todos. Que os cidadãos ucranianos voltem a suas casas, reencontrem suas famílias e vivam sem se preocupar com ameaças. Que este conflito acabe o mais rápido possível. Que todos possam ter paz.



#AoCuboStandForUkraine

REPERTÓRIO SOCIOCULTURAL

POR JOÃO PEDRO MATOS

Para começar, um assunto que está dentro de uma matéria escolar muito importante nos vestibulares: a Redação. Como é de praxe, o tipo de texto que os vestibulares cobram é o dissertativo. Em uma dissertação é preciso ter um repertório sociocultural ligado ao tema. Na Cubista já falamos diversas vezes sobre repertórios e para ajudar os alunos selecionamos algumas dicas. Pedimos para os professores Andréa (Química), Pedro Boratto (Ciências) e Raiane (Redação) um repertório para alguns eixos temáticos.



No eixo temático “Meio ambiente”, Andréa indicou a série documental Nosso Planeta (Netflix) e disse: “São oito episódios com sequências de alto impacto visual, mostrando as mais variadas formas de vida na Terra, focando nos problemas irreversíveis causados pela ação do homem nos últimos tempos.”



Já no eixo temático “Inserção de minorias sociais na sociedade”, Pedro indicou a série Manhãs de Setembro e disse: “Ela trata das dificuldades de ser uma mulher trans vivendo em uma sociedade preconceituosa e sua luta diária contra esses preconceitos.”



Por fim, no eixo temático “Educação sexual”, Raiane indicou o documentário A Tecnologia Social e disse: “Conta a incrível jornada pela África do sul da brasileira Nathalie Siqueira, criadora de um aplicativo voltado para a educação sexual de jovens e adolescentes. Ao longo do documentário, entre diversos esclarecimentos, há a separação dos conceitos de educação sexual e pornografia ou estímulos eróticos.”

Já a professora Lara Rocha (Filosofia e Sociologia) comentou na coluna “Ao Cubo Hoje e Sempre” como o aluno pode adquirir repertórios mais amplos: “Eu costumo falar para os alunos que, se vamos estudar filosofia e sociologia para a prova do Enem de ciências humanas, isso já é uma parte do repertório que pode ser utilizado como argumento de autoridade para uma redação. Uma dica que eu dou para os alunos é para eles não ficarem gravando uma frase de efeito de algum autor para colocar na redação, pois isso nem sempre é importante. Primeiro que você vai gastar neurônio tentando gravar a frase, quando, na verdade, você já aprendeu a teoria de tantos filósofos e sociólogos; logo, você pode aplicar esse conhecimento da teoria dentro do tema da redação.”

Para terminar, é preciso dizer que há várias indicações de filmes, séries e livros espalhados pelas três edições da Cubista que podem ser aplicados em alguns eixos temáticos. Bons estudos!

PRÓXIMA EDIÇÃO

Com muita satisfação, finalizamos este primeiro trimestre de 2022 colocando mais uma edição da Cubista no Mundo. O projeto teve as reuniões inaugurais em Junho de 2021 e, de lá pra cá, conseguimos produzir três números dessa revista feita 100% pelos alunos do Ao Cubo.

Queremos que cada vez mais alunos dispostos a exercitar e expressar seus talentos se juntem a nós. Para isso, basta preencher o formulário disponibilizado abaixo no QR code e aguardar o contato dos membros do conselho editorial.

Já começamos a conversar sobre a próxima edição. A ideia é lançá-la no próximo trimestre. Até lá!



https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe6c6iYRo_SbYWFF632SCSZRj4Q7JyPqfoVWa-GSJ3g-gLtrA/viewform

Unidades



Barra da Tijuca I

- Ensino Fundamental II
- Ensino Médio
- Pré Vestibular

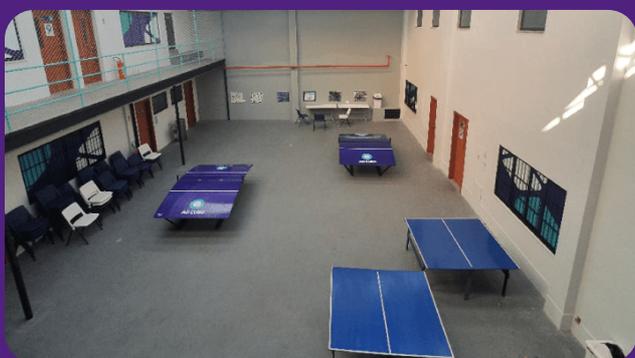
Av. Rodolfo Amoedo, 333
Horário das 6h30 às 15h30
Telefone: (21) 3993-2230



Botafogo

- Ensino Fundamental II
- Ensino Médio
- Pré Vestibular

Rua Bambina, 126
Horário das 6h30 às 21h
Telefone: (21) 2537-0434



Recreio

- Ensino Fundamental II
- Ensino Médio
- Pré Vestibular

Av. Guilherme de Almeida, 70
Horário das 6h30 às 17h
Telefone: (21) 3549-1979



Tijuca

- Ensino Fundamental II
- Ensino Médio
- Pré Vestibular

Rua Professor Gabizo, 334
Horário das 6h30 às 21h
Telefone: (21) 97592-8387



AO CUBO